

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: 115

Data: 15.08.85

Pg.:

Colonos de Sede Trentin prometem que vão hasteiar a bandeira da paz

Chapecó—Depois de três horas de assembleia geral, os colonos de Sede Trentin decidiram hasteiar a bandeira da paz: o ato está marcado para as 9 horas desta manhã, na vila-sede da comunidade rural. O ato tem mais do que um significado simbólico e significa que os agricultores não tomarão medidas drásticas, como anteriormente anunciado, pela indefinição que persiste para o conflito de terras.

Na assembleia, os colonos ouviram colocações do Secretário Adjunto de Segurança Pública, Manoel Fogaça de Almeida e do delegado regional de Polícia. Ambos pediram calma e paciência e asseguraram que a Polícia

Militar dará toda a segurança para que, de parte a parte, não ocorram manifestações hostis. Os agricultores cederam e desistiram do projeto anterior. Eles tinham fixado prazo, esgotado ontem, para que a União decidisse pela retirada dos índios, o que não ocorreu.

As principais decisões da assembleia foram: os colonos querem paz e por isso fazem o ato de conciliação parcial hoje. Eles transferem para o Governo Central a responsabilidade pela decisão e pelas consequências que gerar, exigem policiamento ostensivo e permanente e querem garantias de que não haverá invasão de

índios do sul. A portavoza dos colonos, Ivani Trombetta, disse que a partir de hoje eles voltam normalmente às atividades agrícolas e tentarão retomar a rotina da vida rural, esperando pela decisão do Mirad, Funai e Presidência da República.

As 9 horas, os colonos e suas famílias reúnem-se no salão comunitário, cantam o Hino Nacional e hasteiam três bandeiras: o Pavilhão Nacional, uma bandeira branca e, a meio pau, uma bandeira vermelha. Esta significa que a guerra não acabou, mas está suspensa. A bandeira branca representa o fim da animosidade e a esperança de uma solução apaziguadora.

Caciques continuam mobilizados para invasão

Chapecó — A decisão dos colonos foi tomada após um dia tenso em Sede Trentin: Uma casa de índio foi incendiada, repetiram-se trocas de acusações e 15 caciques de reservas indígenas do Sul do Brasil, reunidos em Chapecó, anunciaram que 4 mil índios estão organizados para marchar sobre Sede Trentin/Toldo Chimbangue — em caráter de medida extrema — se qualquer ato de violência fosse praticado contra os caingangues que estão encurralados no final da área conflituosa.

A casa do índio Gabriel Fernandes foi incendiada na noite de terça-feira por volta das 21h30m em Linha Irani, onde estão as 18 famílias de caingangues remanescentes do Toldo Chimbangue. Os índios acusaram os colonos. Os brancos não aceitaram a autoria do crime e disseram que era "um pretexto montado para justificar nova onda de violência". A Polícia Militar reforçou a segurança com um pelotão de 40 homens instalado no acesso à Sede Trentin (Barreira), na Vila e na estrada de acesso à Linha Irani, onde os índios estão provisoriamente assentados.

O comandante do Segundo Batalhão da Polícia Militar, Tenente-Coronel Nicodemus Bráulio Cordeiro, assegurou que a PM adotou todas as medidas preventivas para evitar eclosão de violência. Além dos 40 homens colocados no local, a Polícia poderá mobilizar um contingente maior, com rapidez, se houver necessidade. O comandante disse que há realmente possibilidade de uma invasão de índios do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, pois o serviço de informações da

PM detém informes sobre a mobilização existente entre as chefias do Sul brasileiro para esse fim. O oficial superior explicou que a PM está alerta para evitar choques entre brancos e índios e que todos os dispositivos de segurança necessários foram acionados. A preocupação da Polícia Militar não é somente em relação à possibilidade de invasão de índios, mas sobretudo pela reação que os colonos terão com o esgotamento do prazo fixado na semana passada para que o Governo central definisse a questão.

SOLIDARIEDADE

Quinze caciques e líderes indígenas dos três estados do Sul do Brasil estão em Chapecó. Eles vieram prestar solidariedade aos caingangues do Toldo Chimbangue e advertir as autoridades para as consequências que o conflito terá se os índios forem novamente vítimas de agressões. Eles formam um conselho destinado a debater, analisar e implementar decisões conjuntas para a solução de problemas comuns.

Ontem, eles falaram a "O ESTADO" e renovaram uma advertência: há 4 mil índios espalhados nas reservas de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná esperando a ordem para marcharem sobre Chapecó, com destino a Toldo Chimbangue. Essa marcha acontecerá se os brancos iniciarem hostilidades e violências contra os caingangues. Luiz Alan Wanfy, líder de Mangueirinha, Pedro Cornélio, cacique de Guarapuava e Jovenal Teles dos Santos, cacique de Mangueirinha, interpretaram a opinião e anunciaram as decisões do conselho. Disseram que os índios desejam uma decisão que

seja fruto da negociação e do diálogo, fruto do consenso entre as partes. Entretanto, se a comunidade branca continuar irredutível na decisão de exigir retirada dos índios, os índios responderão à altura, com uma demonstração cabal de força e organização: a marcha.

"Se iniciarmos a marcha, nem a polícia nem o Governo poderá nos deter", avisa Ari Paliano, cacique da Reserva Xaçecó (município de Xanxerê-SC). Eles acusam os colonos de hostilizarem, ameaçarem, atemorizarem e agredirem os índios do Toldo Chimbangue ao invés de procurar, pelos caminhos da justiça, uma solução para o problema. Condenaram o Governo Federal pela protelação indefinida da decisão que deveria tomar, pois, entendem, quanto mais demorar a decisão federal mais se agravará a situação. Queixaram-se da Polícia Militar que está impedindo o acesso dos caciques à área dos caingangues, alegando se tratar de uma arbitrariedade injustificável.

Os caciques mostraram que, inicialmente, os índios do Chimbangue estavam dispostos a uma decisão que implicasse na partilhação das terras em conflito mas, agora, com o acirramento da questão, eles exigem a totalidade dos quase 2 mil hectares. Eles se recusam a analisar a possibilidade de transferência dos índios e manutenção dos colonos, baseados na conclusão de levantamentos arqueológicos e antropológicos realizados por instituições independentes e, principalmente, na inarredável convicção dos próprios índios de que a terra é de sua posse imemorial.